

Litera(cul)tura

Introdução

Hoje as questões que se impõem à literatura dizem respeito à cultura. A linguagem literária e a linguagem cultural passam por um processo de interpenetração à medida em que o texto literário se desconstrói em sua resistência às identidades que lhe foram impostas por outras leituras contextualizadas no processo histórico.

O número 27 de Travessia - Litera(cul)tura - procura refletir uma diversidade de leituras críticas aparentemente desconexas mas, de cujo conjunto, emerge uma possível leitura fronteiriça, questionadora dos parâmetros literários, históricos, das tradições logocêntricas e eurocêntricas fundacionais, precisamente ao implicaram uma busca de identidade cultural. O artigo do prof. Roberto Reis, da Universidade de Minnesota, "Espelho Retrovisor: considerações sobre a transição brasileira", contextualiza certas obras romanescas que obrigam a repensar o autoritarismo brasileiro como "produção cultural que emana das elites pensantes" perpetuando uma injusta estrutura estatal na dificuldade "em delinear sujeitos históricos capazes de acionarem transformações sociais".

Em "Escrita Manchada: literatura latino-americana e identidade" de Ivete Lara Camargos Walty, professora de Teoria Literária da UFMG, a literatura preencheria a função cultural "de promover a união de espaços e tempos diversos,

seria como a boca dos faladores, vínculos aglutinantes da sociedade e, enquanto tal, forma de identidade e resistência". Na análise do romance El Hablador de Vargas Llosa, a autora discute as tradições orais indígenas contrapostas ao logocentrismo ocidental, em que o próprio processo de oralidade nômade se relaciona à produção do romance.

"Oswald de Andrade, Lezama Lima e uma outra história" de Renato Gomes Tapado, poeta e aluno da pós-graduação em Letras da UFSC, relaciona dois autores latino-americanos sob o signo da antropofagia, em suas "idéias afins no que diz respeito à relação entre cultura latino-americana e européia, bem como entre a tradição e a modernidade. Nessas idéias é possível ler a história como um cruzamento de vetores culturais sem uma resultante única, e a temporalidade, assim, fica problematizada como consequência lógica de fatos literários".

A minuciosa e interessante exposição do Prof. Pedro Calheiros, da Universidade de Aveiro, "A Recepção de Machado de Assis em Portugal", entra nos detalhes de uma importante documentação trazida à luz, sobre a imperfeição da leitura de Machado de Assis pelos portugueses, senão sobre o conhecimento lacunar e cheio de imprecisões da obra do escritor brasileiro através dos tempos, em Portugal. Ao invés de agir como um espelho retrovisor, que problematiza a história, essa leitura problematiza as lacunas do texto literário através da história cultural.

Finalmente, Renato Rezende, poeta e aluno da pós-graduação em Letras da USP, ao introduzir a poeta portoriquenha Julia de Burgos aos leitores brasileiros, num estudo introdutório, já coloca a questão que se levantaria por uma possível

leitura feminista de seus poemas em relação à mitificação cultural ao redor da figura de Julia de Burgos, a poeta cuja luta política "se identifica com a luta do povo porto-riquenho, e o nome da poeta se confunde com o nome da ilha". Além da leitura que se faz ponte entre literatura e cultura, outras pontes poderiam ser construídas a partir dos artigos deste número.